

Comte e o Positivismo

Auguste Comte, autor francês da primeira metade do século XIX (*ver caixa — Auguste Comte: Nota Biográfica*), é uma figura com presença obrigatória nos manuais de história da Sociologia e do pensamento social. O legado que Comte deixou para a Sociologia contemporânea é, no entanto, objecto de frequente polémica. As opiniões dividem-se entre quem lhe reconheça o estatuto de um dos «pais fundadores» mais importantes, a par de Marx, Durkheim e Weber, por exemplo, e quem lhe atribua um papel secundário (embora nunca acidental) no desenvolvimento da disciplina.

As contribuições de Comte para a Sociologia actual possuem uma importância desigual. Por um lado, encontram-se algumas aquisições indiscutíveis resultantes do seu pensamento: em primeiro lugar, o ter defendido a aplicação do método «positivo» às ciências sociais, tendo, sobretudo, procurado adaptar o estatuto e a idoneidade científica próprios das ciências naturais às ciências sociais; em segundo, o ter criado o nome daquela ciência — é dele a denominação «Sociologia» («ciência da sociedade»). Por outro lado, encontram-se algumas das suas teorias, que o tempo, em grande parte, apagou: os princípios de hierarquia entre as ciências (sendo a Sociologia a «rainha» das ciências), alguns modelos concretos de explicação sociológica (a «estática» e a «dinâmica» social) ou as ligações entre a ciência e a religião — para além de uma versão mais rígida da concepção positiva da ciência.

Ao definir o termo «positivismo» Comte quis, sobretudo, significar os princípios epistemológicos e metodológicos próprios da actividade científica, tal como ela se constituiu no Ocidente europeu na época moderna. Segundo ele, o modelo do pensamento científico conhecia características próprias, que passavam, entre outros aspectos, pela observação sistemática e pela verificabilidade das afirmações. A ciência «positiva» diferenciava-se, assim, do pensamento especulativo, filosófico, religioso ou político — caracterizados por serem frequentemente «críticos» ou «negativos». Ao definir as características do método «positivo», e ao querer aplicá-lo às ciências sociais, Comte quis retirar o pensamento social — e a sociologia — do seio da filosofia e da crítica política, com as quais até então tinha coexistido, atribuindo-lhe a mesma dignidade das outras actividades científicas.

O Método Positivo e a Lei dos Três Estados

Um dos temas mais importantes do pensamento de Comte, que permite explicar cabalmente a sua concepção de «positivismo», é a *lei dos três estados*. Segundo ele, o pensamento humano passa, obrigatoriamente, por três fases, em estreita articulação com a evolução das sociedades. As fases iniciais caracterizam-se por um pensamento de tipo não científico — teológico, primeiro, e «metafísico» (uma fase transitória), depois; a fase final é a do pensamento «racional», científico ou «positivo». Escreve ele:

Segundo esta doutrina fundamental, todas as nossas especulações, quaisquer que sejam, estão inevitavelmente sujeitas, quer no indivíduo, quer na espécie, a passar sucessivamente por três estados teóricos diferentes, que as habituais denominações de teológico, metafísico e positivo poderão precisar suficientemente (...) é (no terceiro estado), único totalmente normal, que sob todos os aspectos consiste o regime definitivo da razão humana (Comte, 1989: 167).



Auguste Comte: Nota Biográfica

Auguste Comte nasceu em Montpellier, França, em 19 de Janeiro de 1798. A sua família era monárquica e católica, e o pai, um funcionário de categoria média. Ainda jovem, Comte adere às convicções liberais e revolucionárias que dominavam o seu tempo. Entre 1814 e 1816 frequenta a Escola Politécnica, em Paris. Devido ao encerramento da escola por motivo de «jacobinismo», regressa durante alguns meses a Montpellier, onde estuda medicina e fisiologia. A formação em ciências naturais e matemática que então inicia é importante, pois desde cedo proporá a aplicação do método científico utilizado naquelas disciplinas à nova «ciência social» — a sociologia/física social.

Em 1817, após o regresso a Paris, torna-se secretário de Saint-Simon (1760–1825), com quem trabalha alguns anos, antes do rompimento de relações. A ligação entre ambos inclui a colaboração de Comte em algumas obras de Saint-Simon, e prolonga-se até 1824. A demarcação exacta das ideias de Saint-Simon, um célebre filósofo do «industrialismo», e Comte não é clara, e o relevo atribuído a cada uma das suas obras não é consensual. Para alguns autores, Saint-Simon é o principal responsável das ideias que Comte divulgará durante a sua vida; para outros, Comte é o verdadeiro sistematizador, e introduz novidades no pensamento do primeiro. Em qualquer caso, apresentam muitos pontos de semelhança: o industrialismo, o papel dos cientistas e dos novos grupos sociais ligados à indústria. O rompimento pessoal entre ambos deve-se, precisamente, a uma acusação de plágio de um texto do jovem secretário.

A vida profissional de Comte é conturbada: inclui a admissão e demissão como docente na Escola Politécnica (é nomeado explicador em 1832 e definitivamente afastado em 1851)

e a leccionação de cursos livres sobre «filosofia positiva». Num certo momento da sua vida, vive apenas de um «subsídio positivista» que lhe é atribuído por discípulos ou admiradores da sua obra (incluindo John Stuart Mill ou E. Littré). Simultaneamente, atravessa incidentes pessoais e psicológicos vários, incluindo um casamento com uma ex-prostituta (que durará entre 1825 e 1842), uma crise mental e uma tentativa de suicídio (em 1826–1827).

Em 1844, apaixona-se por Clotilde de Vaux — que morrerá dois anos mais tarde. Inicia-se aqui a fase mística do autor. Logo em 1847, proclamará o positivismo como a «religião da humanidade», intitulando-se ele próprio como «sumo sacerdote». Diferindo da tônica exclusivamente científica dos seus primeiros discursos, pregará, no fim da vida, o «amor da humanidade». Essa atitude, bem como algumas das suas posições públicas (incluindo o apoio ao golpe de Estado de Luís Napoleão Bonaparte) leva ao afastamento de vários dos seus seguidores.

Os momentos principais da sua obra teórica podem ser marcados em três etapas (cf. Aron, 1991: 82–88). A primeira, que decorre entre 1820 e 1826, é a época dos seus primeiros escritos, onde constam já praticamente todos os temas que irão caracterizar o seu pensamento; são de então os *Opuscules de Philosophie Sociale: Sommaire Appreciation sur l'Ensemble du Passé Moderne* ou o *Plan des Travaux Scientifiques Nécessaires pour Reorganiser la Société*. A segunda etapa, entre 1830 e 1842, cobre o período em que serão publicadas as lições do *Cours de Philosophie Positive*. Finalmente, a sua fase mais «mística» ocorre entre 1851 e 1854, quando é publicado o *Système de Politique Positive ou Traité de Sociologie Instituant la Religion de l'Humanité* (obra onde se inclui a sua maior derivação religiosa — o «Catecismo Positivista»). Comte morre, em Paris, em 5 de Setembro de 1857. ■

As características básicas das diferentes fases — ou «estados» — de evolução do pensamento são as seguintes:

1. Na primeira fase, o estado teológico (ou fictício), o espírito humano explica os fenómenos atribuindo-os a seres sobrenaturais, que intervêm arbitrariamente no universo. O tipo principal de reflexões elaboradas é acerca de «problemas insolúveis», das «causas primordiais» de todas as coisas. O pensamento é, então, baseado em especulações. Segundo Comte, o sentido especulativo não é inteiramente desprezável: existe uma necessidade histórica no seu desenvolvimento, pois é nele que se começa a desenhar o esforço de desenvolver as futuras «teorias». O estado teológico tem uma evolução própria, caminhando do feiticismo para o politeísmo e, daqui, para o monoteísmo — fase mais avançada da evolução. Durante este período passa-se de uma autonomização e adoração dos «corpos externos» (como a adoração dos astros), ao surgimento do sentimento de subordinação dos fenómenos a «leis invariáveis». Todo o estado teológico é típico de uma sociedade militar — uma sociedade de guerreiros.

2. A segunda fase, o *estado metafísico (ou abstracto)*, é uma época de transição: são invocadas, para explicar os fenómenos, entidades abstractas, como a Natureza, em vez dos antigos «agentes sobrenaturais». Encontra-se neste caso, por exemplo, o culto da natureza no Ocidente do século XVIII. A semelhança entre o monoteísmo — derradeira fase do estado teológico — e esta fase são grandes. Nesta altura, predominam ainda as «especulações» sobre o espírito de observação.
3. Na fase derradeira, o *estado positivo (ou real)*, o homem limita-se a observar os fenómenos e a fixar relações regulares entre eles, sem procurar desvendar as «causas primordiais» dos acontecimentos. Este estágio é o do «positivismo racional», caracterizado pela busca incessante das «leis», ou regularidades, que regem os fenómenos. Se esta é uma fase de menor ambição do conhecimento, dada a recusa em desvendar as verdades «teológicas», é também uma fase de maior eficácia. Escreve Comte:

Tendo verificado, em tais exercícios, a total inanidade das explicações vagas e arbitrárias características da filosofia inicial, quer teológica, quer metafísica, o espírito humano renuncia, desde então, às investigações sobre o absoluto que só convinham à sua infância e delimita os seus esforços no campo da autêntica observação desde então em rápido progresso, única base possível dos conhecimentos verdadeiramente apreensíveis, sagazmente adaptados às nossas reais necessidades. (...) Em síntese, a revolução fundamental que define a virilidade da nossa inteligência, consiste essencialmente em substituir, em toda a parte, a inacessível determinação das causas (primeiras) propriamente ditas, pela simples busca de leis, isto é, relações constantes que existem entre os fenómenos observados (*id., ibid.*: 174-175).

Segundo Comte, as características do espírito positivo, ou método científico, são as seguintes:

- a) Subordinação constante da imaginação à observação (o que, podemos dizer, o próprio Comte nem sempre fez em vida; o facto de se ter intitulado «filósofo» do positivismo, e não «cientista positivo», protege-o, no entanto, de críticas mais violentas).
- b) Relatividade do espírito positivo: não é possível encontrar o conhecimento «absoluto» dos fenómenos.
- c) Capacidade de «previsão racional» através das leis positivas: dada a invariabilidade das leis naturais, é desnecessário acumular factos e observações — daí que a verdadeira ciência esteja tão afastada do «empirismo como do misticismo».
- d) Dogma da invariabilidade das leis naturais — o que só é comprovado pela consistência das observações científicas. Note-se que, na ciência contemporânea, muitas destas asserções se mantêm actuais — e fogem, em particular, à conotação moderna do termo «positivismo», que se confunde com «empiricismo».

Como nota Elias (1980: 36–37), a vulgarização do sentido do «positivismo» não é adequada à concepção comteana: «(...) ninguém melhor do que Comte» — escreve — «salientou explícita e consistentemente a interdependência da teoria e da observação» (*id., ibid.*: 36).

A ligação entre o espírito positivo e a sociedade industrial, admitida pelo autor, é facilmente perceptível. Só numa sociedade onde os fins económicos se assumem como preponderantes, em lugar dos objectivos teológicos ou de conquista guerreira, se pode desenvolver um espírito racional virado para a eficácia e para as verdadeiras «necessidades» humanas, incluindo a actividade tecnológica de transformação da natureza.

A natureza do Pensamento Sociológico

Um segundo ponto importante da epistemologia comteana é a sua caracterização do sistema das ciências positivas e o anúncio do surgimento da sociologia. Segundo ele, o espírito «positivo» começou por ser aplicado aos fenómenos naturais, desenvolvendo-se ciências como a astronomia, a física ou a química; tratou-se da revolução científica do século XVII. Existe entre os fenómenos, no entanto, uma hierarquia de complexidades. Na expressão do autor, os fenómenos distinguem-se «pelo seu grau de generalidade, de simplicidade e de independência recíproca» (Comte, 1989: 148). Os fenómenos sociais, segundo ele, são os «mais particulares, mais complicados e mais dependentes de todos os outros»; o seu estudo deve, assim, «aperfeiçoar-se mais lentamente» do que o dos outros (*id., ibid.*: 148). Só depois de amadurecida nos factos naturais, a forma científica de pensar está preparada para se dedicar aos factos humanos — e considerá-los com a mesma frieza de observação. Noutros termos, depois da física celeste, terrestre, etc., é necessário fundar a «física social» — ou «sociologia» (designação cunhada pelo autor): «Agora que o espírito humano fundou a física celeste, a física terrestre, quer mecânica, quer química, e a física orgânica, quer vegetal, quer animal, resta-lhe terminar o sistema das ciências de observação fundando a física social» (*id., ibid.*: 149).

Na opinião de Comte, o «sistema das ciências» fica, desta forma, completo com a sociologia. Esta torna-se a única «ciência social» (é a ciência de todos os fenómenos sociais), e ocupa o lugar mais alto na hierarquia dos saberes.

Ao referir as disciplinas componentes do espírito científico, Comte anuncia também a necessidade de divisão de trabalho entre as diversas ciências — isto é, o surgimento da especialização científica. Para ele, no entanto, deve ser evitada a fragmentação excessiva dos saberes; é por essa razão que invoca o facto de que os cursos que lecciona sejam de «filosofia positiva» e não de «ciências positivas» (cf. Comte, 1989: 150–154). Independentemente da ambição teórica que o caracteriza — e que o leva frequentemente a excessos —, a ênfase na necessidade de unidade entre as diferentes ciências, ou de minimização dos riscos da especialização excessiva, é bastante actual neste autor (cf. Elias, 1980: 50–52).

Devemos ainda realçar no pensamento comteano a sua interpretação do papel da ciência social na vida social e política do seu tempo. Como a maioria dos autores do século XIX, Comte não desdenha uma intervenção directa da actividade científica sobre a sociedade — segundo alguns autores, o nascimento da sociologia poderá talvez mesmo explicar-se pela situação de crise e pela necessidade de compreender e de actuar sobre a mudança social e económica (Nisbet, 1984). O papel de Comte, neste aspecto, é particular: por um lado, a vontade de intervenção não o impede de delinear filosoficamente os contornos, epistemológicos e metodológicos, do «espírito positivo» (a observação racional dos fenómenos sociais), assumindo, desta forma, uma posição de neutralidade axiológica; mas, por outro lado, propõe uma intervenção prática que, nos termos concretos que utiliza, o afasta dos outros «pais fundadores».

Em Comte, o conhecimento científico (positivo) das leis que regem os fenómenos sociais permite ao sociólogo — ou cientista social — compreender os conflitos e crises do seu tempo, anunciar o devir histórico e contribuir, assim, para a regulação da vida social e política. A crise da sociedade do século XIX reside fundamentalmente, segundo ele, na falta de uma «coesão intelectual». Na sua opinião coexistem, então, os três tipos de «filosofias» que enunciara — teológica, metafísica e positiva. Isso impede que exista acordo intelectual sobre «qualquer ponto essencial», quando se tenta explicar a crise «política e moral» da época. A ciência social, decifrando os fundamentos da sociedade, permite realizar essa coesão. Esta terá, por sua vez, lugar numa sociedade profundamente diferente das que a antecederam: uma sociedade industrial. Escreve Aron:

Segundo Auguste Comte, um certo tipo de sociedade, caracterizado pelos dois adjectivos teológica e militar, está em vias de morrer. A sociedade medieval tinha por cimento a fé transcendente interpretada pela Igreja Católica. (...) Um outro tipo de sociedade, científica e industrial, está a nascer. A sociedade que nasce é científica no mesmo sentido em que a sociedade que morre era teológica: a maneira de pensar, característica da época moderna, é a dos sábios, do mesmo modo que a maneira de pensar característica dos tempos passados era a dos teólogos ou dos padres. (...) Do mesmo modo que os sábios estão em vias de se substituírem aos padres, os industriais no sentido amplo do termo — quer dizer, os empresários, directores de fábricas e banqueiros — estão em vias de tomar o lugar dos homens de guerra. A partir do momento em que os homens pensam cientificamente, a actividade maior das colectividades deixa de ser a guerra dos homens uns contra os outros, mas toma-se a luta dos homens com a natureza, ou ainda a exploração racional dos recursos naturais (Aron, 1991: 82-83).

O papel dos «cientistas» e dos «industriais» na nova sociedade é, assim, bastante valorizado pelo autor. Deve acrescentar-se que, para Comte, a nova oposição emergente na sociedade

«industrial», entre operários e empresários, não é fundamental: existe, basicamente, uma concertação de interesses, assente no desenvolvimento da produção. Comte acredita nas vantagens da propriedade privada e na liderança individual das organizações. Segundo ele, deve, no entanto, existir uma correcção «moral» ao papel dos empresários: estes devem entender a sua função como uma «função social». É a «autoridade moral» que fará sentir aos «ricos» a sua função social; a justiça social fica, assim, baseada em imperativos morais. O facto de, nas suas primeiras obras, ter postulado a unidade através da simples partilha de um mesmo espírito «positivo» e, na fase final da sua vida, ter vincado a necessidade explicitamente *moral* de uma «religião positiva», se pode ser encarado como contradição (ao fundar uma «teologia» de tipo positivo), ilustra, sobretudo, a importância que conferiu, para além do desenvolvimento da ciência, à necessidade de uma união moral nas sociedades.

Durkheim: Entre a Filosofia e a Sociologia

Os esforços intelectuais de Émile Durkheim (*ver caixa — Émile Durkheim: Nota Biográfica*), filósofo de formação, obedeceram desde cedo a um objectivo preciso, a «fundação» de uma nova ciência — a ciência dos factos sociais. A criação de um método e a constituição de um corpo teórico, específicos da sociologia, foram tarefas que o mobilizaram ao longo de toda a sua vida. Daí a preocupação com a independência da sociologia em face da sua «tutela filosófica» e os esforços de Durkheim para a conquistar. Não que o autor desprezasse a filosofia. Pelo contrário. Como assinala Steven Lukes (1984), Durkheim teve sempre por esta disciplina um profundo respeito, sendo que assistia e participava regularmente das reuniões da Société Française de Philosophie, assim como publicava com frequência em revistas da especialidade.

Aliás, para Durkheim tudo começou na filosofia, tendo também sido esta que, de alguma forma, encerrou o ciclo da sua vida intelectual, conforme as palavras do próprio autor — «Tendo partido da filosofia, tendo a voltar a ela, ou melhor, vi-me levado de novo a ela pela natureza das questões que fui encontrando no meu caminho» (Durkheim, carta a Georges Davy, 1911, *in* Lukes, 1984: 401). Em especial, a abordagem durkheimiana dos temas da moral, do conhecimento ou da religião (que o ocuparam em particular na última fase da sua vida), ainda que obedecendo ao próprio «programa» sociológico do autor, não dissimula a presença da reflexão filosófica que transcende, mas acompanha sempre de perto a sua sociologia. Esta presença constante é um dos traços mais característicos do pensamento de Durkheim e marcará, mesmo se involuntariamente, a sua obra sociológica.